

DESENHO E ARTES APLICADAS: disciplina de formação profissional do professor primário?

Maria Cristina Araújo de Oliveira¹

RESUMO

O artigo apresenta um estudo sobre o caráter da disciplina Artes Aplicadas no curso de formação de professores primários do Instituto de Educação de Belo Horizonte, Minas Gerais, no final da década de 1960. A investigação se iniciou pelo exame de um caderno dessa disciplina de normalista desse Instituto no período de 1967 a 1969. A pesquisa histórica com cadernos dá sequência aos estudos já realizados com a legislação, as revistas e os manuais pedagógicos relativamente à presença da disciplina desenho na formação de professores primários no Brasil. Foi realizada uma entrevista com a normalista que juntamente com o exame de outras fontes já inventariadas permitiu concluir sobre a participação das Artes Aplicadas na formação profissional das normalistas.

Palavras-chave: Desenho. Artes Aplicadas. Formação docente.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é analisar a característica da disciplina Artes Aplicadas, oferecida no Instituto de Educação de Belo Horizonte – Minas Gerais, no final da década de 1960, como uma disciplina de formação profissional. O caderno de Artes Aplicadas de Enilda Maria Dias, normalista no Instituto entre 1967 e 1969, foi o ponto de partida para o estudo. A disciplina Desenho e Artes Aplicadas aparece na Lei Orgânica do Ensino Normal, em 1946, nas séries do segundo ciclo da formação para magistério primário, ou seja, no ensino colegial. Essa mudança de rubrica implicaria em mudanças nas finalidades da disciplina? Nas primeiras décadas do século XX constam da legislação em diferentes estados brasileiros rubricas tais como Desenho e Caligrafia, Desenho do Natural, Desenho Linear, Desenho de perspectiva e cartografia, Desenho Geométrico. (OLIVEIRA, 2015a). Nesse período não havia um currículo ou uma legislação educacional válida para todo o

¹ Docente da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF.
E-mail: mcrisoliveira6@gmail.com.

país, cada estado elaborava seus programas de ensino. Obviamente que se percebe por meio de estudos históricos a circulação nacional de modelos (VIDAL, 2006), contudo, as normativas oficiais para a educação eram emitidas a partir de um contexto regional/estadual.

Com a publicação das Leis Orgânicas para o ensino normal e primário, o país passa a contar com uma normatização única que estabelecia princípios e orientava programas de ensino para todos os estados brasileiros.

O DESENHO PRESCRITO E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PRIMÁRIO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Em artigo publicado anteriormente, analisamos o desenho enquanto disciplina do curso normal presente na legislação de diversos estados do Brasil no período da Primeira República. (OLIVEIRA, 2015b). A investigação destacou duas vertentes da disciplina expressas pelas rubricas Desenho e Caligrafia e Desenho Linear. Esses dois tipos de desenho compunham a formação no ensino primário no mesmo período. O primeiro relacionado ao processo de alfabetização e o segundo, à formação profissional, que levava em consideração o processo de industrialização nacional. Da mesma maneira se configuravam na formação das normalistas.

No contexto da República Velha, o desenho é visto como elemento importante para a efetivação do método intuitivo. (OLIVEIRA, 2015c; SANTOS, GUIMARÃES, 2016). No processo de desenvolvimento da criança, o desenho auxilia para educar a vista e as mãos, e ainda prepara para a profissão, tanto nas oficinas como artesão, quanto na indústria que se desenvolve no Brasil no início do século XX.

Essa perspectiva de entender o papel do desenho na formação do professor primário é reforçada pela análise de livros didáticos de desenho compreendidos como verdadeiros manuais pedagógicos publicados no final do século XIX e início do XX. Esses livros voltados para diferentes públicos e utilizados nas escolas normais lidavam com as tendências anteriormente apontadas de desenvolvimento infantil pelo desenho e de

formação profissional. O capítulo² *Os manuais pedagógicos e a formação de professores que ensinavam matemática no curso primário* traz a sistematização do desenho proposto aos professores primários nos manuais, o estudo trabalha também com os artigos produzidos no XIV Seminário Temático que se debruçou sobre a matemática presente nos manuais escolares para o ensino primário.

DESENHO E ARTES APLICADAS: disciplina do ensino normal

Em 1946, é publicada a Lei Orgânica para o ensino primário e para o ensino normal. Essa legislação iria, pela primeira vez no Brasil, regulamentar de forma unificada para todo o país os ensinos primário e normal. O curso normal, denominação relativa ao curso responsável pelo ensino normal, ficava organizado em dois ciclos: o primeiro de quatro anos, que formava os regentes do ensino primário; o segundo, de três anos, responsável pela formação dos professores primários; e ainda, cursos de habilitação para administradores escolares do grau primário.

No curso de primeiro ciclo o desenho comparecia nos quatro anos; sob a rubrica Desenho e Caligrafia nos dois primeiros anos e Desenho nos dois últimos. No curso de segundo ciclo a disciplina Desenho e Artes Aplicadas constava dos três anos de curso. A Lei de Diretrizes e Bases de 1961 não altera a estrutura de formação do professor primário em dois ciclos – ginásial e colegial.

Em termos estaduais, em 1963, o Decreto no 6.879 fixava o currículo para o ensino normal em Minas Gerais. A matemática era obrigatória nos dois ciclos, no ginásio e no colégio normal, contudo o desenho não constava como disciplina.

ARTES APLICADAS: disciplina de formação profissional

² O capítulo integra o livro *A matemática do livros e manuais didáticos para os primeiros anos escolares*, organizado por Iran Abreu Mendes; Wagner Rodrigues Valente, Editora Livraria da Física, 2017.

XV Seminário Temático

Cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990

Pelotas – Rio Grande do Sul, 29 de abril a 01 de maio de 2017

Universidade Federal de Pelotas

ISSN: 2357-9889

No Instituto de Educação de Belo Horizonte, que oferecia o curso normal, constava do currículo a disciplina de *Artes Aplicadas*, que era ministrada no terceiro e último ano do curso; num elenco de: Português, Biologia Educação e Higiene, Psicologia Educacional, Matemática e Estatística, Educação Física, Sociologia Educacional, Didática da Aritmética, Didática do Português, Didática das Ciências Naturais, Educação Musical, Práticas do Ensino Primário, Filosofia da Educação, Introdução a Educação, Didática dos Estudos Sociais, Estudos Sociais Brasileiro. A caderneta de Enilda Maria Dias nos permite identificar esse conjunto de disciplinas.

Figura 1: extrato caderneta de avaliação de Enilda Maria Dias

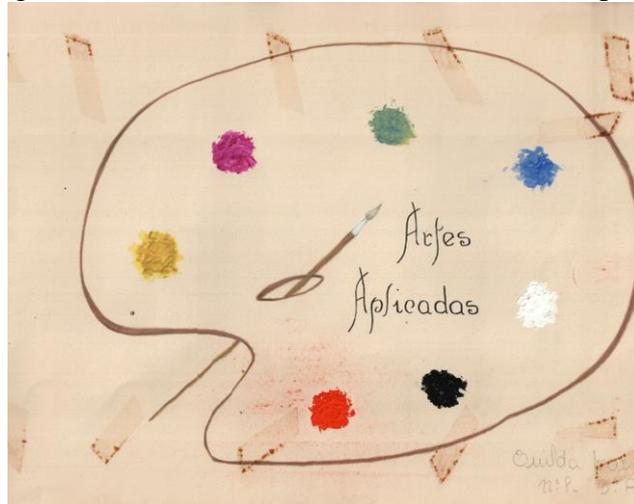
20		AVALIAÇÃO										12				
DISCIPLINAS		Português	Inglês ou Francês	Biologia Educação e Higiene	Psicologia Educacional	Matemática e Estatística	Educação Física	Sociologia Educacional	Didática Aritmética	Didática Português	Didática Ciênc. Nat.	Ed. Musical	Filosofia da Educação	Introdução a Educação	Did. Est. Sociais	Est. Sociais Brasileiro
													R. Paim.			

Fonte: acervo pessoal de Enilda Maria Dias

A disciplina de Artes Aplicadas foi inserida na caderneta à tinta, sobre a rasura de Inglês ou Francês. A Prática do Ensino Primário também foi inserida à tinta. Um registro da disciplina Artes Aplicadas é o caderno que Enilda confeccionou³ durante o curso em 1969.

³ Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/164024>

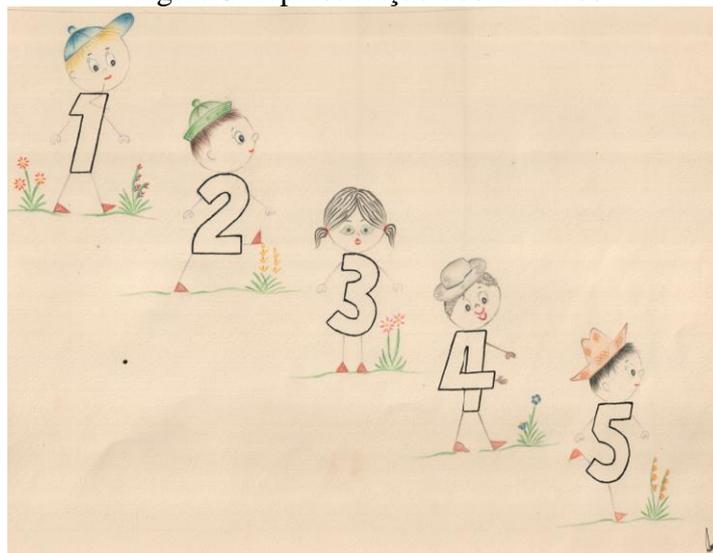
Figura 2: folha do caderno com o título da disciplina



Fonte: caderno de Enilda M. Dias

As lições no caderno de Artes Aplicadas versam sobre diferentes matérias ou temas do ensino primário: os números, as formas geométricas planas, plantas e flores, letras, poesias. Na figura a seguir os números são representados de forma lúdica, como se fossem o corpo de crianças que caminham.

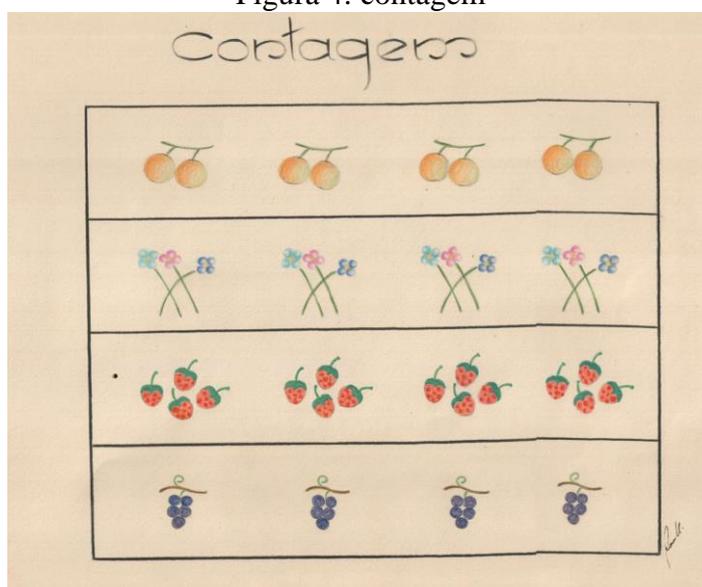
Figura 3: representação dos números



Fonte: Caderno de Enilda M. Dias

Em entrevista⁴, Enilda menciona que a finalidade dessa disciplina era auxiliar a futura professora em suas práticas cotidianas de produzir cartazes e preparar atividades para as crianças para a aprendizagem dos conteúdos. A forma lúdica como os números são representados nessa figura auxiliaria as crianças a memorizar os algarismos e suas formas. A contagem poderia ser explorada em sala de aula por meio de desenho como o seguinte:

Figura 4: contagem



Fonte: Caderno de Enilda M. Dias

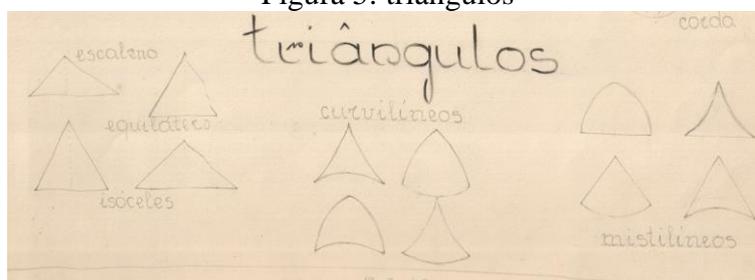
Os desenhos feitos à mão foram cuidadosamente reproduzidos por Enilda, é preciso muita atenção para notar as pequenas diferenças entre os distintos elementos de um mesmo conjunto. Perguntada sobre a presença dos conjuntos em sua formação de normalista no final da década de 1960, Enilda mostrou esse desenho como um exemplo de conjuntos para construir a ideia de número.

O caderno é composto de 25 folhas com desenhos sobre as diferentes matérias ou temas. Além dos números e da contagem, em relação à matemática, há um exemplo de um cartaz ilustrativo da dezena, no qual os desenhos se repetem em cada linha de 1 a 10; sendo a última linha formada por dez pintinhos iguais.

⁴ Enilda concedeu entrevista ao grupo GHEMAT – UFJF em 17 de fevereiro de 2017.

Uma das folhas do caderno, com título de figuras geométricas, trata da circunferência e do círculo e suas partes, como semicírculo ou diâmetro. Nessa mesma folha também se encontram diferentes triângulos divididos em três grupos: um contendo os triângulos euclidianos e classificados em relação aos lados – escaleno, equilátero e isósceles; outro grupo dos triângulos curvilíneos e um terceiro dos mistilíneos.

Figura 5: triângulos



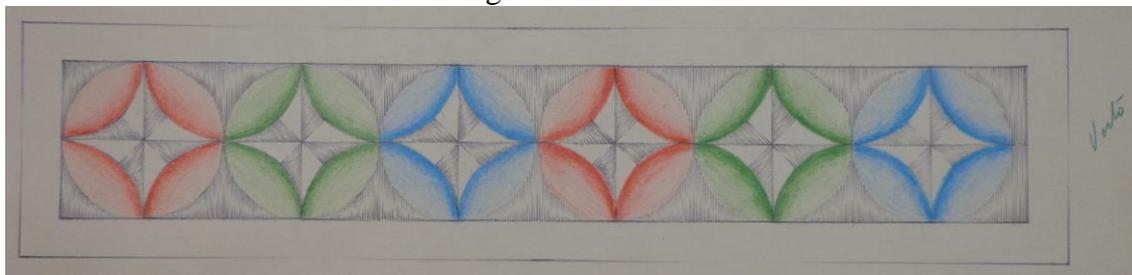
Fonte: Caderno de Enilda M. Dias

Perguntamos à Enilda se as propriedades das figuras geométricas eram discutidas, analisadas nessa disciplina de Artes Aplicadas. Segundo ela, não eram; a disciplina tinha como objetivo realizar os desenhos propostos pelo professor, algumas vezes a partir de modelo no quadro. Cabia inclusive às normalistas fazer as relações em qual situação ou matéria poderia ser utilizado o desenho. Outra questão que formulamos foi sobre a habilidade dos demais alunos, já que não havia no currículo do colegial normal do Instituto de Educação uma disciplina de desenho propriamente dito. O desenho era matéria do ensino secundário⁵, do ginásio. Enilda, por exemplo, foi uma aluna exemplar nessa matéria no ginásio que cursou em Teixeira de Freitas na Bahia.

Nesse tempo de ginásio o desenho também não era articulado com a geometria, segundo seu relato. Mas era principalmente um desenho com base na geometria e nos padrões geométricos. Embora realizados sob a forma de procedimentos sem a conexão com propriedades geométricas, os desenhos se utilizavam de conceitos da geometria e dos instrumentos do desenho geométrico.

⁵ O caderno de Desenho de Enilda no ginásio, em 1965, está disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/171185>

Figura 6: mosaico



Fonte: caderno de Desenho de Enilda M. Dias

Para Enilda, esse desenho e a matemática, ambas disciplinas do curso ginásial, preparavam o estudante produzindo a bagagem necessária para as normalistas na disciplina de Artes Aplicadas.

A disciplina de Artes Aplicadas era oferecida no último ano de formação do qual faziam parte as disciplinas de cunho profissional: as didáticas específicas, a biologia, a psicologia e a sociologia educacionais, entre outras. A finalidade das Artes Aplicadas era habilitar as professoras primárias para produzir materiais, atividades que tornassem o espaço da sala de aula e as lições mais adequadas ao universo infantil. O desenho era um recurso disponível que poderia também substituir a falta de outros materiais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Orgânica do Ensino Normal, Decreto-Lei N. 8.530 – de 2 de janeiro de 1946. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104424> Acesso em 02 de fevereiro de 2017.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei N. 4.024, de 20 de dezembro de 1961.

MINAS GERAIS. Decreto no 6.879 – fixa o currículo para o ensino normal. 13 de março de 1963.

OLIVEIRA, M. C. A.. Geometria e Desenho como matérias do Curso Normal no período da Primeira República no Brasil. **Interfaces Científicas - Educação**, v. 3, p. 43-54, 2015a.

OLIVEIRA, M. C. A.. O DESENHO NAS PRESCRIÇÕES OFICIAIS PARA A FORMAÇÃO DE NORMALISTAS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO BRASIL

XV Seminário Temático

Cadernos escolares de alunos e professores e a história da educação matemática, 1890-1990

Pelotas – Rio Grande do Sul, 29 de abril a 01 de maio de 2017

Universidade Federal de Pelotas

ISSN: 2357-9889

REPUBLICANO. In: VI Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática, 2015, Pirenópolis. **Anais do VI SIPEM**, 2015b. v. 1. p. 1-12.

OLIVEIRA, M. C. A. . A revista do ensino e os objetivos da Geometria e do Desenho na formação de normalistas brasileiras. In: XII Seminário Temático Saberes elementares matemáticos do ensino primário (1890 - 1970): o que dizem as Revistas Pedagógicas?, 2015, Curitiba. **Anais do XII Seminário Temático Saberes elementares matemáticos** Curitiba: PUC - PR, 2015c. v. 1. p. 1-13.

SANTOS, IVANETE BATISTA DOS; GUIMARÃES, MARCOS DENILSON . De Rui Barbosa a Ferdinand Buisson: uma investigação sobre como ensinar desenho. **Revista Diálogo Educacional (PUCPR. Impresso)**, v. 16, p. 321-338, 2016.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas: Mercado das Letras, 2006.